

AMBIVALÊNCIAS IDENTITÁRIAS EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

AMBIVALENCES IDENTITY IN *THE BROTHERS*, MILTON HATOUM

Mariana Jantsch Souza¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma leitura do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, focada na condição do narrador e suas implicações identitárias. Nael, o narrador protagonista, cresceu misturado a uma família própria e alheia ao mesmo tempo, sem saber o espaço que lhe cabia em meio ao grupo. As incertezas de suas origens moldaram uma identidade flutuante entre a posição de filho/neto e a posição de empregado agregado ao grupo. As ambivalências dessa identidade são narradas em busca de respostas, de estabilização do espaço identitário de Nael. Para isso, o principal instrumento é a memória, único meio de ressignificar o passado e preencher a falta de inteireza que acompanha Nael: a inteireza é alcançada com o remexer do passado, das lembranças e, principalmente, dos silêncios e dos esquecimentos familiares. As reflexões acerca das possíveis posições identitárias do narrador encontram suporte nas noções teóricas de memória e identidade a partir de uma perspectiva sociológica e antropológica.

PALAVRAS-CHAVE: memória; identidade; *Dois irmãos*.

ABSTRACT: This article presents a reading of the novel *The Brothers*, by Milton Hatoum, with the focus on the narrator's condition and his identity implications. Nael, the protagonist narrator, grew blended to a family of his own and random at the same time, without knowing his space amongst the group. The uncertainty of his origins has shaped a floating identity between the position of the son/grandson and the position of the employee aggregated to the group. The ambivalences of this identity are narrated searching for answers, the stabilization of Nael's identity space. To this end, the main instrument is the memory, the only mean to resignify the past and fulfill the lack of wholeness which accompanies Nael: the wholeness is achieved with the agitation of the past, the memories and especially, the silences and the family forgetfulness. The reflections about the possible identity positions of the narrator find support in the theoretical concepts of memory and identity from a sociological and anthropological perspective.

KEYWORDS: memory; identity; *The Brothers*.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (2011). Pós-Graduação em Direito Público pela Escola Superior da Magistratura Federal do Rio Grande do Sul (ESMAFE/RS) e atua como conciliadora na Justiça Federal, Subseção de Porto Alegre. Graduada em Letras-Português/Espanhol e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande (2010). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2013), com bolsa CAPES. Doutoranda em Letras pela Universidade Católica de Pelotas, com bolsa PROSUP/CAPES.

IDENTIDADE E MEMÓRIA: FATORES DA AMBIVALÊNCIA

Dois irmãos (2000) é uma narrativa memorial em que o narrador, a partir de uma posição clandestina e bastarda, mobiliza o passado familiar, as lembranças e os esquecimentos que envolvem o clã, na esperança de encontrar aí as respostas que procura desde a infância. Trata-se de uma narrativa que transforma em discurso as memórias familiares unindo os pedaços esquecidos do passado em torno de uma identidade de filho não consolidada, abandonada num passado desconhecido.

A presente leitura do romance de Milton Hatoum parte das noções teóricas de memória e identidade. Embasa a perspectiva teórica aqui adotada a abordagem de Jöel Candau, Stuart Hall, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Beatriz Sarlo, Michel Pollak.

Nesta perspectiva a identidade é considerada como construção discursiva e por isso é vista como um processo inacabado ou em constante aperfeiçoamento,

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. **A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior**, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-9, grifo nosso).

Hall julga mais adequado a palavra identificação por ela evidenciar a instabilidade das identidades. O termo soa mais exato para traduzir a condição das identidades pós-modernas, permanentemente sujeitas a interações e influências exteriores - sociais e culturais, como um processo em andamento, algo eternamente em fase de acabamento:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobre-determinação, e não uma subsunção. [...] E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différence*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2011, p. 106).

O fato de as identidades inserirem-se num processo enfatiza sua condição discursiva: as identidades são construídas dentro do discurso. É no plano do discurso, pois, que as diferenças são estabelecidas e as posições sociais do sujeito são determinadas e assumidas. Nesse sentido, as identidades são lidas como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. [...] as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’, sempre, que elas são representações” (HALL,

2011, p. 112). Toda representação convoca algo para ocupar o lugar de uma ausência, para preencher uma falta, um vazio deixado por outra coisa. A identidade, então, é construída ao longo de uma falta, “ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro” por isso as identidades não podem “ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos” (HALL, 2011, p. 112).

Sendo assim, identidade significa um ponto de encontro, o nó que une os diversos discursos e práticas culturais a que os sujeitos estão expostos e que os interpelam, convocando-os para que assumam seus lugares sociais (HALL, 2011, p. 111-2). Este nó, no entanto, pode ser feito de diversas formas e pode alterar-se a qualquer tempo. É este nó a identidade, a forma como o sujeito se identifica em certo momento, e com relação a certos discursos, representa o modo como ele se posiciona diante dos discursos culturais e dos demais.

A identidade é edificada na ordem cultural, num sistema complexo de interação e articulação com o externo, com a alteridade. É esse o cerne das discussões sobre a identidade. No entanto, Hall alerta que essas articulações e interações implicam não só conformação com o externo, mas também hierarquização social e cultural. É esse plano da construção das identidades que será explorado na leitura do romance selecionado: o processo discursivo e memorial de construção da identidade do narrador protagonista de *Dois irmãos*.

É em razão da construção discursiva da identidade é que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo. Esse, portanto, é o ponto que liga a identidade à memória e torna possível a afirmação de Candau de que “a memória é a identidade em ação”.

A respeito da noção de memória, inicialmente é observada como a faculdade humana responsável pela conservação do passado, das experiências vividas. Partindo dessa premissa, a questão da memória pode ser explorada sob diferentes perspectivas. Neste trabalho, a memória é abordada como fonte de referentes identitários, como pilar a partir do qual se edificam as identidades, cujas vigas mestras são buscadas no passado e surgem sob a forma de lembranças.

Considerando a memória como o instrumento capaz de trazer o passado para o presente, é inevitável notar a seletividade da memória, que não pode evocar todas as lembranças do indivíduo, mas opera uma seleção e faz emergir as imagens do passado que

estão de acordo com as intenções atuais do sujeito, ou, como diz Candau, “a memória opera escolhas afetivas” (CANDAU, 2011, p. 69).

Pode-se pensar, então, que a memória atua como um gerenciador do passado, vez que não traz à mente do sujeito uma cópia fiel dos acontecimentos vivenciados, não encena exatamente o que o sujeito viveu. A memória recupera o passado, mas o adapta ao presente para fazê-lo atuar neste momento. Portanto, “a alteração do passado é um atributo da memória que Pierre Nora definiu como ‘a economia geral e gestão do passado no presente’. Essa gestão exige, por vezes, a criação deliberada de artifícios e artefatos memoriais [...]” (CANDAU, 2011, p. 164). Esse trabalho de gestão também envolve a administração dos significados que se atribuem ao passado.

Diante das abordagens teóricas consideradas, entende-se a memória como o mecanismo para construir o passado no presente, pois, a cada evocação do passado, o presente o colore com tons diferentes, conforme as cores do momento atual. A produção de significados da memória se faz no presente, no momento mesmo da rememoração, por isso está sujeita a reavaliações e o significado atribuído a um evento passado pode ser alterado a cada rememoração: “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” (POLLAK, 1992, p. 4).

Trata-se, então, de reviver o passado no presente e, com o olhar do presente, pensar sobre o que passou. Trata-se de reavaliar, como num exercício de autocrítica, e por isso compreender o passado de outra forma, depois conservá-lo numa nova versão e a cada rememoração realizar esse trabalho. Em razão disso,

O aspecto fragmentário do discurso da memória, mais que uma qualidade a se afirmar como destino de toda obra de rememoração, é um reconhecimento exato de que a rememoração opera sobre algo que não está presente, para produzi-lo como presença discursiva com instrumentos que não são específicos do trabalho de memória, mas de muitos trabalhos de reconstituição do passado [...]. O aspecto fragmentário não é uma qualidade especial desse discurso que se vincularia com seu ‘vazio’ constitutivo, mas uma característica do relato, de um lado, e do caráter inevitavelmente lacunar de suas fontes, de outro (SARLO, 2007, p. 99).

A memória é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re) construção.

DOIS IRMÃOS: AS AMBIVALÊNCIAS

A história da família de origem libanesa de Manaus inicia-se nos anos 20, quando nasce o amor do casal Zana e Halim, e é apresentada pelo narrador Nael, personagem que entra na família de forma clandestina, pois não é reconhecido como membro do clã. Este clã é composto pelos patriarcas e por seus três filhos: os gêmeos, Omar e Yaqub, e Rânia.

Nael, o filho da empregada Domingas, constrói a narrativa em busca de um pai, cuja identidade lhe é desconhecida, mas parece que todos na família sabem quem é esse pai. O segredo e o silêncio são reais: silêncio da família que não fala sobre isso e silêncio do jovem, que não consegue tocar no assunto. Questão importante a respeito da qual Nael faz muitas conjecturas ao longo da narrativa: desconfia de Omar e de Yaqub o tempo todo, desejando ter o segundo como resposta as suas inquietações.

Paralelamente às buscas identitárias de Nael, os gêmeos protagonizam a cisão familiar. Vivendo em duelo desde a infância, a briga de Yaqub e Omar despedaça a família; faz a mãe defender o Caçula e o pai o primogênito, na esperança de compensar e equilibrar um pouco a situação. Há ainda a filha Rânia, quatro anos mais nova que os gêmeos, cuja presença quase se apaga em meio aos irmãos.

Neste clima de conflitos, enriquece a trama a personalidade de uma matriarca dominadora e extremamente amorosa com o Caçula de sua prole, Omar. Em contrapartida, há um pai passivo e permissivo diante da esposa, que omite seus desgostos e desgostos com relação à postura da matriarca para sempre atender às vontades dela. Curiosamente, apesar do nascimento quase simultâneo dos meninos, Omar é tido como o Caçula e assim é tratado pela família desde sempre, e Yaqub é o primogênito: condições de nascença definidas como se houvesse longa separação entre os nascimentos dos gêmeos.

Desde a infância dos meninos, a dissonância de tratamento entre o primogênito e o Caçula é ressaltada na narrativa. A mãe sempre pronta a oferecer algum privilégio ao seu Caçula, e o pai às voltas, tentando instalar a igualdade entre os filhos. Um dos eventos mais marcantes e que instaura definitivamente a desavença e o desamor entre os irmãos, é a briga pela namoradina de infância, Lívia, que resultou em um corte no rosto de Yaqub, cuja cicatriz eternizaria o episódio e a discórdia, pondo à flor da pele todas as diferenças. Após esse acontecimento, com a intenção de resolver o conflito entre os filhos e dissolver qualquer desavença, Halim decide mandar os dois para o Sul do Líbano, para se tornarem irmãos de verdade. Não obstante, “Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas

Yaquub” (HATOUM, 2006, p. 12). Foi assim que, aos 13 anos, os gêmeos foram separados por 5 anos e Yaquub foi exilado da família sem saber por quê.

Neste contexto de tensões familiares e em meio a uma miscelânea de diferenças, Nael narra o passado na condição de terceiro, que participa da família a distância, mais como observador do que como membro que vivencia a história familiar. O filho de Domingas posiciona-se em uma perspectiva especial de observação: alheio, mas ao mesmo tempo centro da narração, pois esta existe como busca de uma identidade do narrador-protagonista. Nael conta, em verdade, a sua história, e não a história dos gêmeos ou da família. A narração é movida pela vontade de descobrir-se, de acalmar-se diante do dilema da paternidade dúbia e dupla, mas, para isso, é inevitável recorrer ao passado familiar.

Nael precisa buscar referências identitárias no passado comum da família; buscar neste tempo pretérito os elos já enfraquecidos entre os membros do grupo, pois “[...] a memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades. De um lado, intervém o compartilhamento de certas lembranças e esquecimentos ou, mais exatamente me parece, o compartilhamento da vontade de compartilhar” (CANDAU, 2011, p. 140).

Sendo assim, remexer o passado familiar também põe em jogo a reapropriação desse passado comum,

à qual cada indivíduo se lança ao mobilizar as funções de revivescência e reflexividade. Essa reapropriação é sempre específica e o sentido que ela confere aos acontecimentos familiares memorizados é irredutivelmente singular, idiossincrático. (...) essa reapropriação permite ao indivíduo elaborar e logo narrar sua própria história, que será confrontada com a de outros membros da família. [...] Ao mesmo tempo que constrói sua identidade pessoal por uma totalização provisória de seu passado, o indivíduo realiza, portanto, a aprendizagem da alteridade. Desse ponto de vista, a memória familiar é para o indivíduo ao mesmo tempo a consciência de uma ligação e a consciência de uma separação (CANDAU, 2011, p. 141).

Nael é o filho da cabocla escrava e por isso também está na condição de serviçal aos olhos de Zana e de Omar, perante os quais é apenas um agregado de segunda classe em relação à família. Em razão disso, não ultrapassa o posto de empregado e as fronteiras que esta circunstância impõe: não lhe é dado o direito de sentar-se à mesa com a família durante as refeições e ocupa um quartinho pequeno nos fundos da casa, cômodo apartado dos demais recintos:

Zana me dizia sem olhar para mim, talvez sem sentir a minha presença, [...] (HATOUM, 2006, p. 9).

[...] ela [Zana] repetiu isso várias vezes a Domingas, sua escrava fiel, e a mim, sem me olhar, sem se importar com a minha presença. Na verdade, para Zana eu só existia como rastro dos filhos dela (p. 28).

Fazia tudo às pressas, e até hoje me vejo correndo da manhã à noite, louco para descansar, sentar no meu quarto, longe das vozes, das ameaças, das ordens. E havia também Omar. Aí tudo se embrulhava, foi um inferno até o fim. Eu não podia comer à mesa com o Caçula (HATOUM, 2006, p. 65).

Ela [Zana] aproveitava a ausência de Halim e inventava tarefas pesadas, me fazia trabalhar em dobro, eu mal tinha tempo de ficar com minha mãe. Quantas vezes pensei em fugir! (HATOUM, 2006, p. 66).

Diante do patriarca Halim e do gêmeo Yaqub, porém, o jovem é alguém da família e por isso digno de carinho e de atenção, sendo sempre tratado afetuosamente. Em oposição ao tratamento que lhe é dispensado por Zana e Omar, Nael come a mesma comida que os demais membros da família e pode circular livremente pela casa, desfrutando de uma liberdade maior do que um real serviçal:

Podia frequentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e **nas cadeiras** de palha da sala. Era raro eu sentar à mesa com os donos da casa, **mas podia comer a comida deles, beber tudo, eles não se importavam**. Quando não estava na escola, trabalhava em casa, ajudava na faxina, limpava o quintal, ensacava as folhas secas e consertava a cerca dos fundos. Saía a qualquer hora para fazer compras, tentava poupar minha mãe, que também não parava um minuto (HATOUM, 2006, p. 60, grifo nosso).

Um dia, eu estava almoçando quando ele [Omar] se aproximou e deu a ordem: que eu saísse, fosse comer na cozinha. Halim estava por perto, me disse: “**Não, come aí mesmo, essa mesa é de todos nós**” (HATOUM, 2006, p. 65, grifo nosso).

[Yaqub] Abraçou-me com força, depois recuou e me olhou de frente, examinando minha estatura, observando meu rosto (HATOUM, 2006, p. 89).

Esses detalhes evidenciam a tensão entre os espaços que Nael ocupa: não é membro da família, mas também não é apenas um empregado. Esta situação se reflete no modo de Nael narrar e lembrar o passado, na forma como se posiciona no discurso narrativo. O jovem tenta manter-se fora da história narrada e, contraditoriamente, é a personagem central, a partir da qual tudo é lembrado, revisitado e contado: “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final” (HATOUM, 2006, p. 23).

Todas as lembranças estão em torno de Nael: ele é o epicentro do passado, da memória, da história e da narração. Esta instabilidade em relação ao espaço de Nael na trama

familiar faz com que, por vezes, pareça que os gêmeos são o centro narrativo. Quanto as personagens, os gêmeos – o centro da dúvida que move a narrativa – são apresentados como antagonistas desde o início. Yaqub é o filho preterido, desdenhado por Zana, enquanto Omar é o filho privilegiado, foco de toda a afeição da mãe. É esta distinção que inicia a degradação familiar. Primeiro, é a relação de Halim com Zana que sofre com os mimos excessivos entre a esposa e o Caçula: “convencido de que o nascimento dos filhos havia interferido em suas noites de amor tanto quanto a morte de Galib. [...] Omar era o mais ousado: entrava no quarto dos pais durante a sesta e dava cambalhotas na cama até expulsar Halim” (HATOUM, 2006, p. 51-52).

Os gêmeos eram absolutamente iguais, os anos de separação não foram capazes de amenizar tamanha semelhança: “Agora ele [Yaqub] estava de volta: um rapaz tão vistoso e alto quanto o outro filho, o Caçula. Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura” (HATOUM, 2006, p. 13). Ao longo da narrativa, no entanto, as diferenças entre os irmãos são apresentadas e Yaqub e Omar são revelados como adversários um do outro, sempre em polos opostos:

O andar era o mesmo: passos rápidos e firmes que davam ao corpo um **senso de equilíbrio e uma rigidez impensável no andar do outro filho**, o Caçula (HATOUM, 2006, p. 11, grifo nosso).

Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o **Caçula trepava mais alto, se arriscava**, mangava do **irmão**, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, **agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio**. A voz de Omar, o Caçula: “Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe.” Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho (HATOUM, 2006, p. 14, grifo nosso).

Omar e Yaqub se completam; o que falta em um há no outro; são como duplos complementares: Omar é corajoso, destemido, mulherengo, espaçoso, sem capacidade para os estudos, mas com talento de sobra para aproveitar a vida e gozar todos os prazeres mundanos; enquanto Yaqub é inteligente, tímido, austero, galanteador, esforçado e bem-sucedido. Omar é o selvagem que habita a rede da varanda e vive o conforto da casa, que se comunica por grunhidos com as mulheres da família. Yaqub é a imagem do sucesso, é o galã fardado, o engenheiro inteligente e promissor que vive na cidade grande.

A Manaus primitiva dos anos 20 é o cenário em que a trama se desenrola. À medida que a história da família avança, Manaus se torna uma cidade grande. Seu desenvolvimento é apresentado em plano de fundo. A família de Halim sofre com a crise do período da Segunda

Guerra. Seu comércio enfraquece; a vida se torna mais comedida. Mais tarde, surge a modernização e as mudanças no porto, nos bairros pobres, o progresso que vem visitar a cidade flutuante e a extingue, juntamente com a casa da família: “Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro” (HATOUM, 2006, p. 32).

Os momentos principais, no entanto, são vividos na casa dos libaneses. A epígrafe do romance já antecipa a importância desse espaço na narrativa, sendo a chave para todos os conflitos, quando tudo se encerrará com a destruição desse espaço após a morte das principais testemunhas da casa, da vida na casa, da desgraça vivida na casa e dos ódios abrigados pela casa.

A casa, com decoração e hábitos orientais, é o espaço do conflito e dos mistérios narrados. É do quartinho dos fundos, um pequeno cômodo no quintal, contudo, que Nael percebe tudo; vê a família se esfacelar. É a partir desse ponto que o jovem conta a história da família – a sua história.

No fim, a casa precisa ser vendida para pagar uma dívida que os gêmeos e suas brigas geraram. Zana sobreviveu ao tempo e ao duelo dos filhos e assiste a casa ser esvaziada. A matriarca é, então, despojada do seu espaço e do seu mundo e é obrigada a morar com a filha em um bairro humilde da cidade. Diante da casa vazia resta Nael:

Fiquei sozinho na casa, eu e as sombras dos que aqui moraram. Ironia, ser o senhor absoluto, mesmo por pouco tempo, de um belo sobrado nas redondezas de Manaus Harbour. O dono das paredes, do teto, do quintal e até dos banheiros. Pensei em Yaqub, me lembrei do retrato do jovem oficial, cujo rosto altivo projetava um sorriso no futuro (HATOUM, 2006, p. 188).

Restou também o quartinho de Nael, a única parte da casa que sobrevive ao ódio dos gêmeos. O espaço de Nael e sua mãe:

No projeto da reforma, o arquiteto deixou uma passagem lateral, um corredorzinho que conduz aos fundos da casa. A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal. “Tua herança”, murmurou Rânia. A bondade tarda mas não falha? Soube depois que Yaqub quis assim; quis facilitar a minha vida, como quis arruinar a do irmão (HATOUM, 2006, p. 190).

Este é o espaço imune às brigas dos gêmeos, protegido desses conflitos, dos privilégios do Caçula e da ira de Yaqub. Talvez por isso o silêncio insistente quanto à paternidade de Nael: para que ele não fosse atingido ou contaminado pela desavença, para que não fosse alvo dos conflitos e vítima da fúria dos gêmeos.

A casa vendida foi transformada em um bazar suntuoso, espaço que precisava acompanhar a modernização da cidade e acolher o luxo que agora vivia em Manaus. Pouco tempo após a venda do imóvel, porém, a casa queimou, sem restar qualquer testemunho do tempo vivido naquele espaço:

Um relâmpago havia provocado um curto-circuito na Casa Rochiram. O bazar indiano tornara-se um breu na tarde sombria, coberta de nuvens baixas e pesadas. Entrei no meu quarto, este mesmo quarto nos fundos da casa de outrora. Trouxera para perto de mim o bestiário esculpido por minha mãe. Era tudo que restara dela, do trabalho que lhe dava prazer: os únicos gestos que lhe devolviam durante a noite a dignidade que ela perdia durante o dia (HATOUM, 2006, p. 197).

A ruína da casa é um prenúncio da ruína do passado e de seus fantasmas – que não assombrarão mais Nael no seu quartinho dos fundos. De todo o tempo rememorado, de toda a vida familiar recuperada pela narrativa, remanesceu apenas Nael e o quartinho dos fundos. Diante disso, a necessidade de narrar o passado e a história familiar se impõe, sendo a narração a última oportunidade para acertar as contas com um passado que está em vias de se perder no tempo sem deixar vestígios. A narrativa, portanto, é a última herança que esse passado pode deixar para o filho de Domingas.

A casa, na história de Nael, é o espaço mais importante. É o espaço onde o passado se esconde, mostrando sua presença e sua força em cada objeto; objetos que são reunidos no discurso do filho narrador e formam vestígios que deflagram a narração ou enriquecem as imagens memorialísticas postas em ação.

A casa é parte da família; é o espaço em que se exercia a família, em que se vivia o grupo. É o local onde a autoridade da matriarca se punha em ação; é o palco para o duelo dos gêmeos; é onde Halim via seu amor por Zana dar lugar a Omar; é o lugar dos amores e desamores familiares; espaço que abrigava carinhos fraternos e também ressentimentos e rancores impiedosos. Por isso, a decadência da casa é também a decadência da família, do que restou da família de Halim.

A narrativa transforma em discurso todo o percurso da família libanesa. O tempo da narração, no entanto, é outro: Nael narra o passado familiar depois que quase todas as testemunhas – ou as principais testemunhas – desse tempo, dessa história e dessa família, estão mortas. Halim foi o primeiro a morrer; em seguida, Domingas e mais tarde Zana, que persistiu na esperança de ver seus filhos em paz, ou pelo menos em trégua e, por último, Yaqub.

A narração ocorre, então, quando o esquecimento começa a povoar o imaginário de Nael, quando as lembranças digladiam, lutam para se impor ao tempo e seu fluxo fatal. Nael narra porque o que lhe resta é contar, é reviver no discurso uma história da qual fez parte como bastardo, como “filho de ninguém”. O momento da narração é o último instante para recuperar uma ascendência e construir uma identidade de filho, para se afirmar como “filho da casa”, ainda que não haja mais casa, que não haja mais família. É somente por meio do discurso que o narrador consegue assumir o seu lugar de filho perante a família.

Nael narra desde o início em primeira pessoa, contando a sua história. Revela seu nome, no entanto, somente no fim da narrativa, no capítulo 9, a poucas páginas do desfecho da trama. Considerando este aspecto aliado ao fato de Nael deixar parecer que o que conta é a história dos gêmeos e seus conflitos intermináveis, ficam evidentes as falhas, os vazios que devem ser preenchidos por uma identidade: essa instabilidade do narrador diante da história narrada e diante do próprio discurso mostra a instabilidade identitária. A esse respeito, Hall afirma que a identidade surge de “uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior” (2006, p. 39) e, com seu discurso, Nael, aos poucos, preenche essas falhas e se torna inteiro, e assume uma identidade perante a família libanesa, tomando seu lugar no grupo.

Se houvesse uma identidade consolidada, Nael saberia seu espaço no grupo e na narrativa. Revelar-se-ia como narrador-testemunha e personagem central desde o início, e não deixaria, no leitor, a impressão de que as personagens centrais são os gêmeos e seu conflito. Estas instabilidades do discurso revelam a instabilidade de uma identidade. Nael não sabe como posicionar-se porque não entende exatamente qual o seu espaço, qual o espaço que a sua identidade lhe confere na trama familiar.

ENTRE ESAÚ E JACÓ: A MEMÓRIA COMO URDIDURA DE UM SUJEITO

Revirar o tempo pretérito e a história da família por meio do discurso memorial para se encontrar, para formar uma identidade: com estas intenções é construída a narrativa de Nael. Move-o, portanto, a vontade de lembrar, a necessidade de decifrar o passado que lhe pertence, mas que não lhe foi permitido conhecer: “Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, **sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio**” (HATOUM, 2006, p. 67, grifo nosso). A

angústia de não saber nada do passado acompanha Nael ao longo da narrativa e torna mais urgente a necessidade de lembrar:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe (HATOUM, 2006, p. 54, grifo nosso).

A memória é ativada a partir das lembranças das conversas de Nael com Halim e com Domingas e das recordações do próprio narrador. O jovem narra as suas lembranças e as dos outros, porém evoca todas essas memórias como se fossem iguais, como se tivesse vivido tudo o que relata. É neste panorama que se insere o testemunho de Nael sobre a história da família libanesa.

Nael toma conhecimento do passado ouvindo os desabafos de Halim e de Domingas, sendo confidente e companheiro de vida do avô e da mãe. O jovem é conduzido ao passado da família por essas duas personagens, que esclarecem os acontecimentos pretéritos:

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. [...] A minha história depende da dela, Domingas (HATOUM, 2006, p. 20, grifo nosso).

Uma parte de sua história, a valentia de uma vida, nada disso ele contou aos gêmeos. **Ele me fazia revelações em dias esparsos, aos pedaços, “como retalhos de um tecido”**. Ouvi esses “retalhos”, e o tecido, que era vistoso e forte, foi se desfibrando até esgarçar. [...] Assim viveu, assim o encontrei tantas vezes, pitando o narguilé, **pronto para revelar passagens de sua vida que nunca contaria aos filhos** (HATOUM, 2006, p. 39, grifo nosso).

A memória que Nael dispõe é o que Beatriz Sarlo chama de memória mediada (2007, p. 90), são memórias alheias que o narrador mobiliza para juntar os rastros do passado e construir sua identidade: são as memórias de Halim e de Domingas. Esse arsenal memorial é o principal recurso de que se vale Nael para fixar suas raízes desconhecidas em algum espaço e uni-las a outras raízes.

O silêncio instiga o exercício mnemônico. Em busca de uma resposta para o dilema de sua origem, o filho de Domingas empenha-se em tecer, destecer e retecer o passado, para encontrar o fio que o liga à família:

Pensei: por pouco ela não teve força ou coragem para dizer alguma coisa sobre o meu pai. Esquivou-se do assunto e se esqueceu das perguntas que me fizera na noite daquele domingo. Jurou que não renunciaria o nome de Yaqub. No fundo, sabia que eu nunca ia deixar de indagar-lhe sobre os gêmeos. Talvez por um acordo, um pacto qualquer com Zana, ou Halim, **ela**

estivesse obrigada a se calar sobre qual dos dois era o meu pai (HATOUM, 2006, p. 59, grifo nosso).

Considerando que a lembrança é uma imagem do passado e não uma cópia fiel dos acontecimentos pretéritos (BERGSON, 2006), as lembranças são imagens borradas, vagas, indefinidas, que precisam ser completadas e definidas por meio de um trabalho de rememoração que é influenciado pelo presente. É o presente que colore e preenche as falhas das imagens mnemônicas; é no tempo presente que a memória é posta em ação e é este tempo o responsável pela produção de sentido e pela ressignificação do passado.

Nael é consciente do caráter falível da memória. Sabe que o passado é frágil e que sua manipulação é complicada. Sabe também que o acesso a esse tempo não é direto e exato: o passado não se faz presente íntegro. É justamente esse aspecto da memória que permite um novo olhar sobre o passado e viabiliza a atribuição de novos sentidos ao que foi vivido:

Talvez por esquecimento, ele [Halim] omitiu algumas cenas esquisitas, **mas a memória inventa, mesmo quando ele quer ser fiel ao passado**. Certa vez **tentei fisgar-lhe uma lembrança** [...] Ele me olhou, bem dentro dos olhos, e a cabeça se voltou para o quintal, o olhar na seringueira, a árvore velha, meio morta. E só silêncio. Perdido no passado, sua memória rondava a tarde em que o vi recitar os gazais de Abbas (HATOUM, 2006, p. 67, grifo nosso).

Nael testemunha esse poder da memória e do passado sobre os sujeitos; vê o passado tomar conta de Halim e de Zana, quando não conseguem mais controlar a língua que falam. Halim alerta que a língua da velhice é a língua materna, pois neste momento da vida a memória não permite mais o acesso ao português, língua estrangeira que os acolheu, mas que não perdeu esse caráter adventício:

Ele [Halim] dava um tapinha na testa, murmurava: “É a velhice, a gente não escolhe a língua na velhice. Mas tu podes aprender umas palavrinhas, querido.” (Hatoum, 2006, p. 39).

Ela [Zana] me reconheceu, ficou me olhando. Então soprou nomes e palavras em árabe que eu conhecia: a vida, Halim, meus filhos, Omar. Notei no seu rosto o esforço, a força para murmurar uma frase em português, como se a partir daquele momento apenas a língua materna fosse sobreviver. Mas quando Zana procurou minhas mãos, conseguiu balbuciar: Nael... querido... (HATOUM, 2006, p. 189).

Outra faceta da memória revela-se quando Nael apresenta os irmãos que dão título à narrativa. Os gêmeos estão envoltos em uma ambiguidade nas lembranças do narrador. Ainda que a distinção das personalidades seja feita de maneira definida, as imagens mesclam-se e os traços opostos complementam-se. Ao final, esta ambiguidade se resolve e o narrador entende

quem é quem nesta teia de imagens duplicadas formada pelos gêmeos. Inicialmente, Yaqub é apresentado como detentor de boas qualidades, sem qualquer defeito, enquanto Omar é retratado como um ser pequeno, fraco e sem caráter. Yaqub é melhor em tudo; melhor como pessoa; é o preferido de Nael, enquanto Omar é o preferido de Zana. A partir de um maniqueísmo extremo, o conflito dos gêmeos constrói-se no discurso de Nael à semelhança da história de Esaú e Jacó – da narrativa bíblica e também da narrativa machadiana:

Era o mais silencioso da casa e da rua, reticente ao extremo. Nesse gêmeo lacônico, carente de prosa, crescia um matemático. O que lhe faltava no manejo do idioma sobrava-lhe no poder de abstrair, calcular, operar com números. [...] O matemático, e também o rapaz altivo e circunspecto que não dava bola para ninguém; o enxadrista que no sexto lance decidia a partida. [...] Que noites, que nada! Ele [Yaqub] desprezava, altivo em sua solidão, os bailes carnavalescos, [...] Trancava-se no quarto, o egoísta radical, e vivia o mundo dele, e de ninguém mais (HATOUM, 2006, p. 25).

O outro, o Caçula, **exagerava as audácias juvenis**: gazeava lições de latim, subornava porteiros sisudos do colégio dos padres e saía para a noite, fardado, **transgressor dos pés ao gogó**, rondando os salões da Maloca dos Barés, do Acapulco, do Cheik Clube, do Shangri-Lá (HATOUM, 2006, p. 26).

O filho de Domingas idealiza Yaqub ao longo de toda a narrativa e deixa clara sua preferência e estima por esse gêmeo: “Durante anos, essa imagem do galã fardado me impressionou” (HATOUM, 2006, p. 45). Também evidencia que gostaria que ele fosse seu pai e que apreciaria descobrir no passado a tão esperada resposta e nela encontrar a imagem de Yaqub:

A imagem que faziam dele [Yaqub] era de um ser perfeito, ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisso: **se for ele o meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito**. [...] Eu o considerava um homem tenaz, respeitado em casa, a ponto de ser elogiado pelo pai, que não sabia até onde o filho queria chegar. Certa vez, Halim me disse que Yaqub era capaz de esconder tudo: um homem que não se deixa expor, revestido de uma armadura sólida. De um filho assim, disse o pai, pode-se esperar tudo. Omar, ao contrário, se expunha até as entranhas (HATOUM, 2006, p. 83, grifo nosso).

Domingas demonstra muita afeição por Yaqub, e Nael agarra-se a este indício para conjecturar a paternidade, sonhar e idealizar a imagem deste gêmeo e a possível paternidade:

E olhar Yaqub sabia. De frente, como um destemido, arqueando a sobrancelha esquerda: um tímido que podia passar por conquistador. Sorria e dava uma risada gostosa no momento certo: o momento em que as meninas das praças, dos bailes e dos arraiais suspiravam. [...] Domingas também se deixava encantar por aquele olhar. Dizia: “Esse gêmeo tem olhão de boto; se deixar ele leva todo mundo para o fundo do rio” (HATOUM, 2006, p. 24).

O discurso denuncia que o narrador está enfeitiçado pela figura de Yaqub. Entretanto, o filho-narrador precisa desligar-se da falsa figura paterna e desconstruir discursivamente a idealização que o acompanhou, para, então, encontrar seu espaço na família. Somente assim é possível elaborar uma identidade, tendo a memória e a narração como instrumentos de trabalho.

À medida que o processo memorial-narrativo avança, Yaqub é retratado sem o glamour de engenheiro inteligente, de homem próspero e íntegro: é igualado a Omar. Nael consegue perceber que Yaqub era péssimo de outro modo; era ardiloso, covarde, sem caráter, assim como Omar, mas manifestava suas falhas em outros aspectos: por meio do silêncio enganador, da inteligência traiçoeira e de seus ardis para encurralar o irmão. A inteligência deste gêmeo era utilizada a serviço do ódio dirigido a Omar, que o cegava diante do mal que causava à família.

Durante a infância de Nael, Domingas deixa transparecer o medo de que seu filho se envolva no conflito dos gêmeos ou que, de algum modo, se torne como eles:

Quando eu saía à noite pela cerca dos fundos, ela me esperava, alerta, tal uma sentinela preocupada com alguma ameaça noturna. **Ela temia que o meu destino confluísse para o de Omar, como dois rios indômitos e turbulentos:** águas sem nenhum remanso (HATOUM, 2006, p. 59, grifo nosso).

O segredo e o silêncio quanto à paternidade de Nael mostram-se o meio encontrado pela mãe para proteger seu filho dos gêmeos e de suas brigas intermináveis. Não foi possível revelar a verdade para não acirrar os ânimos e intensificar os ciúmes entre os irmãos – o combustível principal das desavenças.

Assim, para que o filho não fosse atingido, Domingas, em um acordo tácito com Halim e Zana, decide pelo silêncio absoluto, cumprido durante sua vida. Em seus momentos finais, longe dos gêmeos, porém, Domingas confia que teve um pequeno relacionamento com Yaqub na juventude e também que, certa vez, Omar violentou-a. Então, assim, Nael descobre quem é seu pai, mas não revela nada ao leitor:

Ela me enlaçou, beijou meu rosto e abaixou a cabeça. Murmurou que gostava tanto de Yaqub... Desde o tempo em que brincavam, passeavam. Omar ficava enciumado quando via os dois juntos, no quarto, logo que o irmão voltou do Líbano. “Com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalizado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão” (HATOUM, 2006, p. 180).

Por fim, depois de saber a verdade sobre suas origens, Nael consegue discernir e enxergar os gêmeos como eles são, e se desvencilhar da idealização que o acompanhou ao longo da vida e da narração. O jovem consegue, também, distanciar-se da família, ou do que restou dela:

Mas bem antes de sua [Yaquib] morte, há uns cinco ou seis anos, **a vontade de me distanciar dos dois irmãos foi muito mais forte do que essas lembranças. A loucura da paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e contra todos neste mundo não foram menos danosas do que os projetos de Yaquib: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada** (HATOUM, 2006, p. 196, grifo nosso).

O filho de Domingas alcança, então, a liberdade que a mãe não conseguiu obter durante a vida, e por isso permaneceu presa à família até o fim de seus dias. Despindo-se das idealizações e, finalmente, compreendendo os gêmeos, o conflito e todos os ressentimentos envolvidos na trama familiar, Nael encerra sua narração sem revelar a identidade de seu pai, embora o soubesse, conforme fica claro no trecho seguinte: “Guardou até o fim aquelas palavras, **mas não morreu com o segredo que tanto me exasperava**. Eu olhava o rosto de minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula” (HATOUM, 2006, p. 182, grifo nosso).

Nael assume-se, assim, filho da casa e não filho de um ou outro dos gêmeos de Zana. Nael situa-se no grupo familiar como filho dos dois e ao mesmo tempo de nenhum:

Meus sentimentos de perda pertencem aos mortos. Halim, minha mãe. Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaquib, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida. O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filho. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos (HATOUM, 2006, p. 196).

Esta lucidez e imparcialidade em relação aos gêmeos, à família e ao conflito, é obtida após reavaliar o passado e ressignificar as imagens mnemônicas distorcidas e borradas pelo passar do tempo, trabalho realizado por meio da narração. Este é o resultado do labor discursivo empreendido por Nael quando decide narrar-se e, a partir disso, descobrir-se.

Antes, contudo, de Domingas revelar seu segredo no leito de morte e de Nael assumir-se filho da casa, a duplicidade e dubiedade da paternidade o atormentavam, sendo este o centro de toda a narração. Por isso, o jovem apresenta-se instável e inconstante em relação à trama, oscilando entre Yaquib e Omar e revelando sua identidade somente ao fim da narrativa:

A mesma voz, a mesma inflexão. **Na minha mente, a imagem de Yaquib era desenhada pelo corpo e pela voz de Omar. Neste habitam os gêmeos**, porque Omar esteve sempre por ali, expandindo a sua presença na casa para

apagar a existência de Yaqub. As fotografias emitiam sinais fortes, poderosos de presença (HATOUM, 2006, p. 46, grifo nosso).
[...] ele [Yaqub] me deixou uma impressão ambígua, de alguém duro, resoluto e altivo, mas ao mesmo tempo marcado por uma sofreguidão que se assemelhava a uma forma de afeto (HATOUM, 2006, p. 85).

Esta duplicidade resulta em uma identidade instável, inconstante, que se apazigua somente no fim, com a compreensão do passado e da família. O dilema da origem parece insolúvel; não há como saber se é Omar ou Yaqub o galho que une Nael à árvore familiar e o enraíza à família: “Eu **me enredava em conjeturas, matutava, desconfiava** de Omar, dizia a mim mesmo: Yaqub é o meu pai, mas também pode ser o Caçula, ele me provoca, se entrega com olhar, com o escárnio dele” (HATOUM, 2006, p. 100, grifo nosso).

Nael, portanto, destaca em seu discurso a possibilidade de qualquer dos gêmeos ser o seu pai: não fica claro qual deles o é. Fica explícito que Domingas revelou a verdade e que Halim e Zana sabem essa verdade. O narrador, no entanto, mantém o segredo e não inclui em seu discurso essa informação, assumindo-se filho da casa. Observa-se, assim, que, depois de tanto tempo e de quase todos morrerem, não importa quem é o pai, mas que Nael é membro da família, que é filho da casa e neto de Halim. O importante, ao fim, é consolidar os laços familiares até então absolutamente clandestinos e assumir um espaço legítimo no grupo.

Por outro lado, interessa observar que revisitar o passado obedece a intenções específicas; é como uma visita guiada: a rememoração volta-se à busca de imagens mnemônicas determinadas, ainda que, por vezes, a memória tome o controle da situação e as lembranças se imponham.

No discurso de Nael é possível apontar como obsessão memorialística a necessidade extrema de o narrador distinguir os gêmeos, separar as imagens fundidas em uma só e estabelecer uma rígida oposição entre os filhos de Halim e Zana. Há uma fixação por deixar bem claras as diferenças, por opor os irmãos.

Ao longo da narrativa, Nael busca argumentos para diferenciar os gêmeos e construir duas imagens distintas de homens. Em última análise, trata-se de uma obsessão pelo conflito de Yaqub e Omar e de uma tentativa desesperada de resolvê-lo. Primeiro, diferenciando os irmãos, delimitando a imagem de cada um: colorindo as imagens de Yaqub com as melhores frases, com os melhores elogios, enquanto Omar tem sua imagem delineada pelos piores defeitos.

A obsessão de Nael revelou que foi preciso narrar o conflito dos gêmeos, detalhar todos os duelos para, no fim da guerra, declarar que não houve vencedor, que os dois foram fracassados e que destruíram juntos a família, como o próprio Halim soube observar e

confidenciar a Nael: “O duelo entre os gêmeos era uma centelha que prometia explodir. ‘Duelo? Melhor chamar de rivalidade, **alguma coisa que não deu certo entre os gêmeos ou entre nós e eles**’, revelou-me Halim, mirando a seringueira centenária do quintal” (HATOUM, 2006, p. 46, grifo nosso).

Do mesmo modo, foi necessário narrar para abandonar a obsessão, abandonar o passado duplo e se arraigar à família. A narração permitiu o distanciamento do conflito que impedia a consolidação de uma identidade, pois a desavença dos gêmeos impunha o silêncio acerca das origens do filho de Domingas, relegando-o à clandestinidade familiar.

Depois de realizar esse trabalho de diferenciação, Nael entende que no fim das contas os dois irmãos são diferentes no modo de ser iguais. Revolver o passado tanto tempo depois permite um olhar lúcido e consciente sobre as personagens e os fatos da história narrada; possibilita mais lucidez para perceber Yaqub como ele é: a outra face da mesma moeda que compõe juntamente com Omar.

A resignificação é o novo sentido que Nael atribui à imagem idealizada de Yaqub. No percurso narrativo, a memória é o instrumento para reconstituir o passado familiar e remontar as imagens deste tempo, principalmente às dos gêmeos. É na tentativa de restabelecer essas imagens e dar-lhes forma por meio do discurso, que Nael entende que Yaqub é igual a Omar e vice-versa. Os gêmeos têm os mesmos defeitos, a mesma personalidade vingativa e os olhos guiados pelo mesmo conflito; não medem as consequências de seus atos.

Depois de tanto tempo, isento das pressões que a presença de cada membro da família lhe causava, Nael consegue narrar e resignificar as imagens do passado e a própria história da família. Consegue enxergar com olhos neutros os gêmeos, o conflito familiar, e então entende que a oposição entre os gêmeos não é real.

A passagem do tempo permite, portanto, um olhar isento. Permite, também, que Nael entenda o passado, compreenda a sua história e a sua família. É o distanciamento temporal que viabiliza esse olhar lúcido sobre a própria história. Nael, então, vai se assumindo neto, filho dos gêmeos, membro da família ao longo do romance, assim como faz a filha de Walter, que abandona o lugar de sobrinha e assume a posição de filha.

Ao fim, Nael, lúcido e imparcial em relação ao seu passado e ao passado da família, entende o seu lugar no grupo; assume-se membro da família, mas não revela a paternidade: se é fruto da relação de Domingas com Yaqub ou da violência de Omar para com sua mãe. Ao perceber os gêmeos de outra forma, como faces da mesma moeda, Nael decide por não

assumir nenhuma filiação: quer simplesmente ser filho da casa, quer ligar-se à família, à casa e ao patriarca, quer impor esses laços e deixar de ser filho de ninguém.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória** – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Data de recebimento: 13/01/2015

Data de aprovação: 10/12/2015